

PAULO FREIRE

A pedagogia da liberdade

por Marcos Faerman

Nos últimos tempos, os colegas mais próximos de Paulo Freire, na PUC de São Paulo, o achavam cada vez mais quieto e pensativo. E isso parecia alguma coisa muito diferente de seu perfil eternamente apaixonado – alguém que lembraria, mesmo para aqueles que o olhariam, pela última vez, sendo velado na própria PUC, a representação quase física, mas seguramente espiritual, de um Dom Quixote de la Mancha.

A própria diretora da Faculdade de Educação, Yvonne Gonçalves Khouri, o tinha saudado, na festa dos seus 75 anos, em 19 setembro de 1996, ali mesmo na Pontifícia Universidade Católica, com palavras e metáforas que evocavam o personagem de Miguel de Cervantes. Ou não tinha ela falado na sua eterna “vigilância pela liberdade dos oprimidos, sempre a alçar o vôo da imaginação e do sonho?”

Mais calado do que habitualmente, no entanto, o Paulo Freire desses últimos meses não deixava de participar de uma aula sequer, mesmo daquelas das quais estava descomprometido. Foi então que aconteceu um episódio que o fez retornar à sua quase doce torrente verbal – palavras iradas (mas pausadas e escritas ou ditas com paixão literária) que o fizeram famoso para seus ouvintes ou leitores em tantos países do mundo. O evento que perturbou e irritou o mestre foi o assassinato do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, em Brasília. Foi uma coisa que levou Paulo Freire – segundo seus colegas Ana Maria Saul, Antônio Chizzotti e Yvonne Alvarenga – “a discursos mais apaixonados do que o habitual”. Tudo isso o levou a falar longamente sobre o assunto, na TV Rede Viva, canal aberto, em UHF, da Igreja Católica.

Arquivos Paulo Freire



Uma odisséia de delicadezas

O professor Paulo Reglus Neves Freire começara a sentir fortes dores no peito no finzinho de abril. Depois de uma breve internação no Hospital Sírio-Libanês, voltou para casa. Na verdade, ele tinha medo de que fosse necessária alguma cirurgia em seu coração que deixasse nele alguma seqüela terrível, como não mais poder falar, se comunicar. Para ele, desde menininho, escrever, mesmo umas poucas palavras e sentenças, era viver. Viver também era para Paulo Freire ouvir os outros: mesmo suas dezenas de títulos e honrarias em universidades de todo o mundo jamais extraíram de seu repertório cultural e emocional a idéia de que o Outro está sempre nos ensinando. Sempre existe algo a aprender com as experiências do mundo.

O editor Fernando Gasparian, no velório do mestre, comentava, quase sussurrando, como em 1974 recebera os originais da *Pedagogia do Oprimido* das mãos de Paulo Freire, em Nova Iorque. Havia dez anos, Freire estava no exílio porque suas idéias tinham sido consideradas absolutamente subversivas. Ele fora responsável por um programa de alfabetização de adultos, no governo João Goulart, derrubado



A última aula

Com as anotações de professores e alunos da PUC-SP, **Educação** reconstituiu temas abordados pelo mestre Paulo Freire em sua última aula na universidade paulistana:

O mestre e a abelha – “O mais incompetente mestre de obras se coloca milhões de vezes acima da mais fantástica abelha. O mestre de obras já tem na cabeça o desenho da obra ao realizá-la.”

O amanhã e o sonho – O estar sendo sem amanhã pressupõe uma compreensão mecanicista do mundo. O amanhã envolve o nosso sonho. A Educação, na luta pelo sonho, significa que o sonho é válido.”

A utopia necessária – “A pedagogia neoliberal combate a possibilidade do sonho. E a impossibilidade do sonho impede o amanhã.”

Não silenciar – “O educador não tem de impor seus sonhos aos educandos. Mas deve explicitá-los; jamais silenciar.”

Política e Educação – “Não existe política sem Educação. Uma das coisas fundamentais da prática educativa é a diretividade política.”

Ciência e técnica – “O educador progressista deve brigar pela formação técnico-científica e não pelo mero treinamento técnico. A verdadeira formação deve ir muito além do treinamento. É o conhecimento historicamente acumulado e historicamente definido.”

A via e a fala – “Eu prefiro ser vaiado do que calar. Não há espaço-tempo para o discurso progressista.”

Ler o mundo – “Há uma necessidade cada vez maior e crítica de se ler o mundo. Se a consciência não se faz competente, ela não pode perceber.”

Brincar com a Educação – “Não se deve duvidar da Educação. Não se deve restringir ao poder da Educação o ato de educar. Não se deve brincar com a Educação.”

pelos militares em 1964. Em função desses eventos, Paulo Freire passou um tempo clandestino em Brasília, sendo preso dois meses depois, quando tentara ir viver em sua cidade natal, Recife.

Fernando Gasparian acha incrível, ainda hoje, histórias e cenas daqueles tempos, quando era impossível publicar até qualquer coisa escrita, por exemplo, por Dom Helder Câmara. Seu amigo, o editor Jorge Zahar, lhe telefonou, comentando que a polícia política dera uma batida na sua empresa por causa do livro escrito por um deputado suíço chamado Jean

Paulo Freire construiu uma pedagogia a partir da palavra do Outro, principalmente dos iletrados, dos zé-ninguém, daquele a quem a fortuna jamais bateu em sua porta.

Zigler (*Uma Suíça Acima de Qualquer Suspeita*). Gasparian terminou editando tão sigilosamente que no fim não vendeu um exemplar sequer. Virou livro clandestino! Foi nesse tempo que recebeu de Nova Iorque os originais de *A Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire – livro que não teve a liberdade de publicar uma resenha, por mínima que fosse, em seu jornal *Opinião*, ultracensurado.

Obra original – *A Pedagogia do Oprimido* foi escrita no exílio chileno de Paulo Freire, primeira parte dessa espécie de odisséia vivida por alguns brasileiros indesejados em seu próprio país. No Chile, Freire terminaria tendo uma acolhida muito simpática, ocupando um posto destacado no governo democrata-cristão de Eduardo Frei. Além disso, ele tinha sido acolhido com extremo carinho por setores oficiais da Igreja Católica. Seu livro, na primeira das suas 23 edições, já teria a introdução de um renomado professor cristão gaúcho, Ermani Maria de Fiori, que a começaria com essas palavras, tomadas célebres:

“Paulo Freire é um pensador comprometido com a vida: não pensa idéias, pensa a existência. É também educador: existencia seu pensamento numa pedagogia em que o esforço totalizador da praxis humana busca, na interioridade desta, retotalizar-se como “prática da liberdade.”

Numa análise pioneira do texto de *A Pe-*



Com o diretor geral do Instituto Paulo Freire, Moacir Gadotti, e Carlos Alberto Torres (e) do IPF em Los Angeles



Durante a entrega do Prêmio Moinho Santista, em 1995

Arq. Paulo Freire



O mestre e alunos, após aula ministrada na USP

Arq. Paulo Freire



Arquivo pessoal

Ao lado da esposa, Ana Maria Araújo Freire

dagogia do Oprimido, o professor De Fiori – de tradicional família do Rio Grande do Sul – observaria que “o método Paulo Freire não ensina a repetir palavras, não se restringe a desenvolver a capacidade de pensá-las segundo as exigências lógicas do discurso abstrato: simplesmente coloca o alfabetizado em condições de poder reexistenciar criticamente as palavras de seu mundo, para, na oportunidade devida, saber e poder dizer a sua palavra.”

Ermani Maria de Fiori, nesse discurso pioneiro, que teria ressonância nas dezenas de edições dos livros de Paulo Freire, chamava a atenção (e isso se deu há 19 anos) para o fato de que *A Pedagogia do Oprimido* era uma obra absolutamente original.

Sinfonia de homens – “Com a palavra – dizia De Fiori – o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana. E o método que lhe propicia essa aprendizagem comensura-se ao homem todo, e seus princípios fundam toda pedagogia, desde a alfabetização até os mais altos níveis do labor universitário. (...) Para o homem, produzir-se é conquistar-se, conquistar sua forma humana. A pedagogia é antropologia.”

Em forma comovente – e humana, demasiadamente humana – uma mulher do povo representaria esse nível de questões em três frases: “Gosto de discutir sobre isto porque vivo assim. Enquanto vivo, porém não vejo. Agora sim, observo como vivo.”

Paulo Freire escreveu muitas de suas obras no tal exílio pelas bandas do Chile e – depois da queda do presidente Salvador Allende – pelos Estados Unidos, e, mais tarde, em dez anos de Suíça. Ao lado das obras mais estritamente pedagógicas, ele compôs uma sinfonia de peças humanas, diá-

logos com amigos e colaboradores, sempre marcados por uma intensa vontade de descobrir a importância do Outro. Algo de muito comovente se dá numa de suas obras mais marcadamente literárias. Porque esse homem construiu toda uma teoria da pedagogia a partir da palavra do Outro, principalmente dos iletrados, dos zé-ninguém, daquele a quem a Fortuna jamais bateu em sua porta, rua, quarteirão ou cidade – ele, Paulo Freire, era um humanista apaixonado por dicionários, redigindo cada um de seus textos em letras cuidadas, como se fora um escriba medieval. Amorosamente envolvido pelo sabor e mistério de cada palavra, percorria as letras miúdas dos dicionários, em busca de novos e ocultos segredos. ▶

Relógio de parede – O Paulo Freire literato aflora com mais nitidez em seu livro de memórias chamado *Cartas a Cristina* - na verdade Cristina Freire Bruno, sua sobrinha, psicoterapeuta em Campos, Estado do Rio. É um livro de memórias que alcança, em alguns momentos, a beleza do discurso de um Pedro Nava, o mestre do memorialismo brasileiro. Mas inexistente no escritor Paulo Freire o barroquismo de Pedro Nava, mesmo do Darcy Ribeiro de certos momentos. É alguma coisa mais despojada, telúrica, como alguma passagem do *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, ou como o recorte de alguns causos de cordel.

As histórias escritas do ângulo do exílio são doidas ou doidas? O que dizer das horas em que Paulo Freire tenta nos dizer que ele devia escrever para dez lugares do mundo – para amigos de um continente ou outro – para que sua mãe recebesse um cartãozinho postal? E a pobre mãe, sem saber se havia sido esquecida pelo filho, porque a correspondência de meia dúzia de palavras teimava em não chegar?

E quando ele nos escreve sobre um grande relógio na parede de sua casa? Parece que nossos olhos percorrem as paredes das casas dos poemas de Quintana ou Drummond.

O relógio “chegara à família nos fins do século passado e todos tinham por ele um afeto singular. Me lembro ainda da tristeza disfarçada com que meu pai o olhou pela última vez. Era como se o relógio fosse gente”.

E o relógio foi embora, na mão do comprador.

Pai e mãe muito afetuosos foram seus primeiros educadores. Ele era muito afetivo e o menino podia ver sua sombra, à luz pálida da lamparina, indo ver se estava dormindo bem. “Afetivo, inteligente, aberto, jamais se negou a ouvir-nos em nossa curiosidade. (...) O testemunho que nos deram foi sempre o da compreensão, jamais da intolerância. Católica ela, espírita ele, respeitaram-se em suas opções. Com eles aprendi, desde muito cedo, o diálo-

go. Nunca me senti temeroso ao perguntar e não me lembro de haver sido punido ou simplesmente advertido por discordar.”

À sombra das mangueiras – Tal gênero de evocações discorreu no Recife, em Jaboatão, diante do mar de Olinda, ao cineasta Júlio Wainer – que conduz um projeto internacional de recuperação de suas memórias e ressonâncias em infinitos campos, que vão do trabalho com comunidades carentes por todo mundo, até a matemática, a astronomia. Ou a evocação do encontro com um camelô turco em Nova Iorque, que o abraça e diz com a voz cheia de emoção que “sabia”, sim, sabia que um dia haveria de dar um abraço no mestre Paulo Freire.

Seus livros,
publicados em
várias línguas



Zeca Meneses

Bibliografia

Educação como Práticas da Liberdade
Editora Paz e Terra

Pedagogia do Oprimido
Editora Paz e Terra

Extensão ou Comunicação
Editora Paz e Terra

Ação Cultural para a Liberdade
Editora Paz e Terra

Educação e Mudança
Editora Paz e Terra

Cartas à Guiné-Bissau
Editora Paz e Terra

Conscientização – Teoria e Prática da Liberdade
Editora Moraes - Esgotado

A importância do Ato de Ler
Editora Cortez

A educação na cidade
Editora Cortez

Pedagogia da Esperança
Editora Paz e Terra

Professora Sim, Tia Não
Editora Olho D'Água

Política e Educação
Editora Cortez

Cartas à Cristina
Editora Paz e Terra

À Sombra desta Mangueira
Editora Olho D'Água

Pedagogia da Autonomia
Editora Paz e Terra

Cartas Pedagógicas
No prelo

Obras publicadas em conjunto com outros educadores

Paulo Freire ao Vivo
Com professores e alunos da Faculdade de Filosofia
Esgotado

Por uma Pedagogia da Pergunta
Com Antonio Faundez
Editora Paz e Terra - Esgotado

Essa Escola Chamada Vida
Com Frej Betto
Editora Ática

Medo e Ousadia: O Cotidiano do Professor
Com Ira Shor - Editora Paz e Terra

Pedagogia: Diálogo e Conflito
Com Moacir Gadotti e Sérgio Guimarães
Editora Cortez

Sobre Educação, Volume I e II
Com Sérgio Guimarães
Editora Paz e Terra

Teoria e Prática em Educação Popular
Com Adriano Nogueira
Editora Vozes

Aprendendo com a Própria História
Volume I, com Sérgio Guimarães
Editora Paz e Terra

Alfabetização: Leitura do Mundo, Leitura da Palavra
Com Donald Macedo
Editora Paz e Terra

We Make the Road by Walking
Com Myles Horton (Ainda não traduzido para o português)

Paulo Freire - Uma Biobibliografia
Organizado por Moacir Gadotti,
Editora Cortez, Unesco e Instituto Paulo Freire

E a lembrança, no livro que escreveu aos 72 anos, das primeiras palavras que aprendeu a ler com os pais. "escrevendo-as no chão, à sombra das mangueiras".

E aquilo que ficou de tais palavras e reproduziu e desdobrou por toda a sua obra e vida: "Palavras e frases ligadas à minha experiência e não à deles. Em lugar de uma enfadonha cartilha ou, o que seria pior, de uma 'Carta do ABC', em que as crianças tinham de decorar as letras do alfabeto como se aprendessem a falar dizendo letras, tive o quintal mesmo de minha casa – o meu primeiro mundo como minha primeira escola. O chão protegido pela copa das árvores foi o meu *sui generis* quadro negro e os gravetos, os meus primeiros gizos. Assim, quando cheguei, aos seis anos, à escolinha de Eunice, minha primeira professora profissional, já lia e já escrevia".

Um dos períodos mais pródigos na produção teórica-literária de Freire foi o do exílio, quando ele escreveria interminavelmente pelas noites e madrugadas frias de Santiago

Tantas vezes evocou a alegria que sentia quando a professora lhe ensinava a arte de "formar sentenças". "Pedia, primeiro, que alinhasse em uma folha de papel tantas palavras que eu soubesse escrever e quisesse. Depois, que fôssemos formando com elas sentenças cujas significação passávamos a discutir. Foi assim que, aos pouco, fui fazendo a minha intimidade com os verbos, seus tempos e modos, que ela ia me ensinando à medida das dificuldades que surgiam. Sua preocupação fundamental não era me fazer memorizar definições gramaticais, mas estimular o desenvolvimento de minha expressividade oral e escrita."

Fome infatigável – As professoras Eunice, Áurea e Cecília apaixonaram a imaginação de Paulo Freire. Mas ele guardou na memória outros grupos escolares enquanto fatos medíocres e tediosos de sua vida – embora não reservasse uma "recordação má" às professoras, como indivíduos.

Ao mesmo tempo, contaria inúmeras vezes que passou em sua vida, numa parte ponderável da infância, pela vivência de uma fome infatigável, sem qualquer outro nome que a pudesse disfarçar.



Recebendo um de seus primeiros títulos de Doutor Honoris Causa da Universidade de Louvain, Bélgica, em 1975

Na Universidade de Bologna, em 89, agraciado com mais um de seus 28 títulos de Doutor Honoris Causa



Com "chapéu de couro", um orgulhoso nordestino



Em sua biblioteca, em 1995



Com Luiza Erundina, prefeita de São Paulo (1989-1992)

Assim, anos depois, quando formado no magistério, "não precisava consultar estudos científicos que tratassem das relações entre desnutrição e dificuldades de aprendizagem. Tinha um conhecimento de primeira mão, existencial, dessas relações."

"Revia-me, perfil raquitico, nos olhos grandes e às vezes tristes, nos braços alongados, nas pernas finas de muitos deles. Neles, revia também alguns de meus companheiros de infância que, se vivos ainda hoje, possivelmente não lerão o livro que surgirá das cartas que lhe escrevo e não saberão que a eles agora me refiro com respeito e saudade: Toinho, Moranga, Baixa, Dourado, Reginaldo."

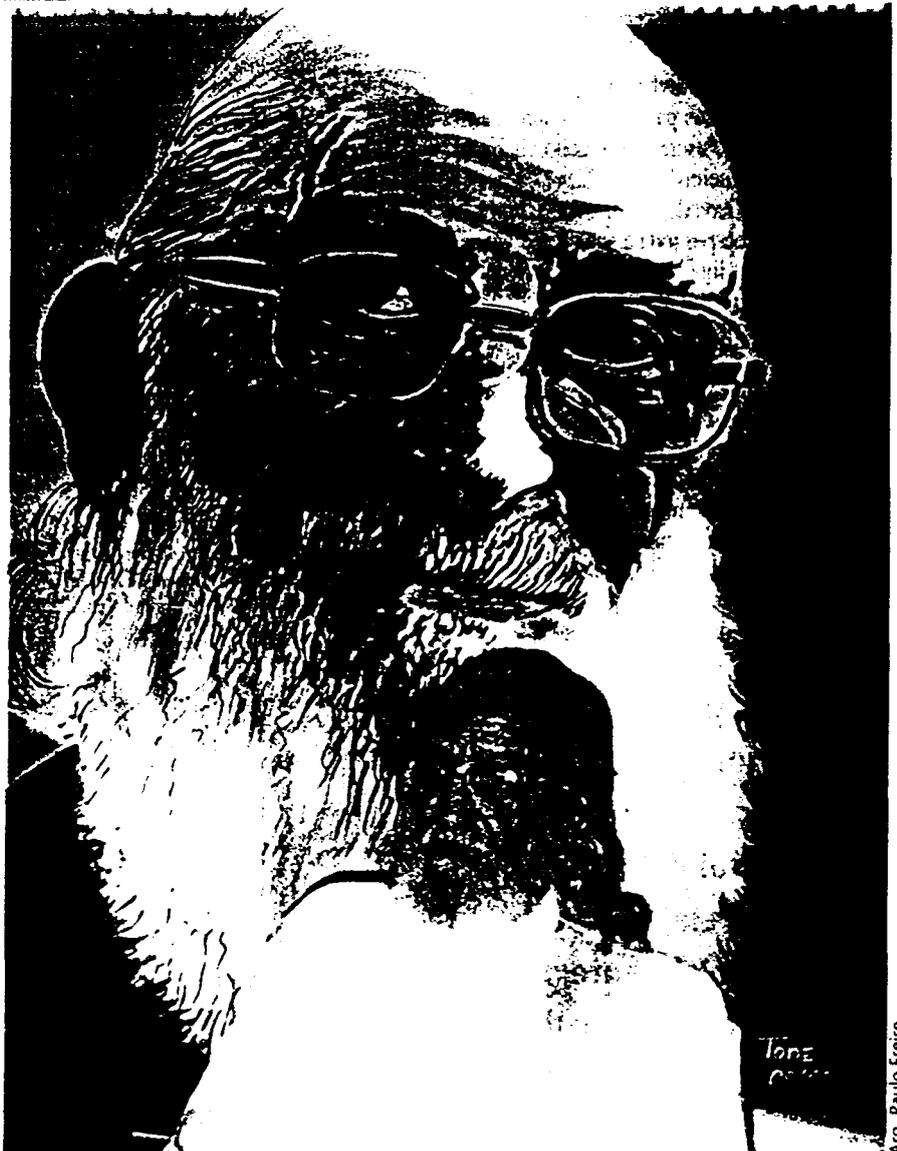
Eram essas as histórias inesquecíveis do mestre que vendeu apenas de sua *Pedagogia do Oprimido*, na língua inglesa, 500 mil exemplares. Histórias que evocaria em noites intermináveis do exílio chileno, tomando vinho quente com rodela de laranja com amigos como o hoje presidente Fernando Henrique, o ministro da Cultura, Francisco Weffort, marido de sua filha Madalena, Plínio de Arruda Sampaio, Paulo de Tarso, Almino Afonso, e outros companheiros de exílio. Aliás, um dos períodos mais pródigos na produção teórica-literária de Freire foi exatamente esse do exílio, quando ele escreveria interminavelmente pelas noites e madrugadas frias de Santiago.

"Em tais lembranças ocupava um espaço ponderável de evocação do que era 'estudar com fome'".

Morte e destino – "Lembrava-me do tempo que gastava dizendo e redizendo, olhos fechados, caderno nas mãos: Inglaterra, capital Londres; França, capital Paris; Inglaterra, capital Londres. 'Repete, repete que tu aprendes', era a sugestão mais ou menos generalizada do meu tempo de menino. Como aprender, porém, se a única geografia possível era a geografia da minha fome? A geografia dos quintais alheios, das fruteiras, mangueiras, jardineiras, cajueiros, pitangueiras – geografia que Temístocles, meu irmão imediatamente mais velho que eu, e eu sabíamos, aquela sim, de cor, palmo a palmo. Conhecíamos os seus segredos e na memória tínhamos os caminhos mais fáceis que nos levavam às fruteiras melhores."

E assim a meninice do mestre ficava apertada entre os limites que iam de jogar bola ou empinar papagaio até a escola e a fome.

Certas vidas alcançam a dimensão da saga – e assim foi com a de Paulo Freire. No caso específico do Mestre do Recife, um dos príncipes da intelectualidade francesa, André Malraux, não tem razão ao dizer que "a morte transforma a vida em destino". A morte subjulgou Freire prosaicamente num hospital – no último dia 2 de maio, às 6h53 – como tantos homens, e ponto final.



Arq. Paulo Freire

Uns poucos dias antes, numa quarta-feira (ele partiria na sexta), ele seria visitado pelo professor de jornalismo da PUC Júlio Wainer – que concebia um documentário sobre a vida do mestre.

Mestre em ação – "Paulo – nos conta Wainer – estava na penumbra da varanda de uma noite quente. Olhava o horizonte. Tive o receio de ser uma última imagem. Ouviu-me 40 minutos, falou pouco. Falei que era o nosso Gandhi, ele negou; rindo-se, rompeu-me para dizer que sua ida a Cuba significava muito para ele, que até há oito anos não era defendido (nem atacado) pelo governo de Fidel Castro, ainda sujeito a pressões estalinistas." O mal do coração o levava, de vez, para o hospital Albert Einstein, onde seria sujeitado a uma cirurgia.

O cineasta Júlio Wainer passou a noite filmando a cena fúnebre. E ficaram falando, para seu documentário, um sem fim de tomadas e falas de Paulo Freire, por tantos os cantos do Planeta.

Mas o projeto do filme continua, intacto.

"Pelo mundo afora, seu pensamento é mais conhecido do que aqui", diz Júlio Wainer. O Brasil também precisa descobri-lo.

O documentário *Paulo Freire em Ação* é uma iniciativa de Júlio Wainer e Satie Wada, da produtora de vídeos Alter Mídia, em associação com o Instituto Paulo Freire. Nos Estados Unidos, a equipe está baseada na Universidade de Nova Iorque, a partir da figura do professor e diretor de cinema George Stoney. Trata-se de uma série de ações em comunicação – série de TV, vídeos, home page, boletim informativo – que pretende divulgar experiências metodológicas inovadoras no mundo todo que tenham inspiração na filosofia de Paulo Freire.

Alter Mídia: (011) 210-7088 (telefax). E-mail: altmidia@psicnet.com.br.

Instituto Paulo Freire:
(011) 3021-5589 (telefax).